

ENTREVISTA DE NELSON MARQUES

Qual a sua relação com a câmara fotográfica? É um objecto que não dispensa e que anda sempre consigo? Prefere as digitais ou analógicas?

Quando estou verdadeiramente envolvido no espaço e no tempo da fotografia, a câmara fotográfica é uma extensão do meu corpo – tal e qual como o piano. Ando sempre com a máquina atrás, um verdadeiro peso nos ombros que só faz sentido quando o botão está em *on*. Ainda não sei mexer em digitais. Prefiro as analógicas, foi assim que aprendi. Gosto muito do lado orgânico da película e sinto uma atracção especial pelo tempo de espera até que o filme esteja revelado. E, muito importante, não consigo fotografar em máquinas que não sejam minhas. Sei que isto toca o pretensioso e até um certo preciosismo obsessivo. Gosto de poder admitir que todos os fotógrafos sentem desta forma. No meu caso específico, a fotografia é uma actividade pessoal, solitária e de grande intimidade com a máquina fotográfica.

Que modelo utiliza? Usa esse por alguma relação especial?

Utilizo uma Leica Reflex com foco manual e uma Nikon F6, também reflex. As duas lentes que tenho da Leica são magníficas – 60mm Macro e 90mm – esta última ideal para retrato. As lentes da Nikon também são muito boas, especialmente a 50mm com abertura a 1.4, e uma outra Macro 105mm. Estas são as minhas preferidas. Também gosto de fotografar com uma outra lente grande angular da Nikon – mas tenho dificuldade em lidar com ela. Quanto aos rolos tenho uma preferência pela Kodak 400 ASA.

E em matéria de digital?

Tenho a Nikon D200. Ainda não fiz nada de jeito com ela. Não tenho muitos conhecimentos sobre a fotografia digital. E, por muito que se inventem simulações de grão, ainda não existe rigorosamente nada que se possa comparar à “verdade” dos filmes analógicos. Na música gravada acontece o mesmo, Vinil versus CD. E isto não é uma crítica, é apenas uma opinião e um gosto pessoal. Fotografia “bonitinha” não é comigo. Prefiro a “sujidade” do grão genuíno, os riscos provocados pelas passagens do negativo, entre muitos outros aspectos ligados à organicidade de fotografar em analógico. Mas nada disto é importante. Prefiro sempre o conteúdo das imagens, mais do que a sua forma...

Tem mais máquinas? Alguma com um valor simbólico mais especial?

Tenho algumas máquinas antigas. Mas a máquina com maior valor simbólico não é tão antiga quanto isso: é uma Nikon F100. Foi com ela que mais aprendi – sobretudo a ter consciência do erro – e com a qual tirei as melhores e as piores fotografias que fiz até hoje.

Segundo sei, essa paixão pela fotografia nasce em 1994. Porquê?

Não tenho a certeza. Acho que por vontade de transpôr a música escrita para uma outra forma de arte. Porque foi também em 1994 que comecei a estudar composição de forma mais séria. Mesmo sabendo que é uma arte fundamentalmente abstracta, a música é também feita de imagens, e a fotografia nasce durante este processo de composição – como complemento da imagética musical.

Li também que recebeu, nesta área, alguns ensinamentos do seu pai. Fale-me um pouco disso.

Foi através do meu pai que comecei a conhecer a fotografia profundamente. Vi-o, desde muito cedo e com o seu entusiasmo característico, a fazer “disparos” artísticos em casa e à volta do bairro. A sua tranquilidade a olhar para as coisas, o tempo e a espera, e sobretudo o modo como manobrava a sua reflex – sempre manualmente – deixavam-me muito intrigado. Em 1994 comprei a minha primeira Nikon reflex e foi com o meu pai que aprendi os conceitos básicos, tendo sempre em consideração os elementos fundamentais da fotografia clássica. O meu pai “empurrou-me” para a arte da fotografia porque me dava muito que pensar - no sentido estético da arte das imagens e na maneira como me ensinou a olhar para as coisas de forma mais interessante. O que é que pode ser interessante e que está mesmo diante dos nossos olhos? Essa foi a ideia principal.

O que procura na fotografia?

Nada de muito concreto. As imagens não são procuradas, vão aparecendo. A fotografia é um estado de espírito de grande intensidade, mas, como já referi, é uma necessidade de captar o que vejo à minha volta da forma mais interessante possível. E não há regras! Se existe uma certeza, então essa é a primeira: não me falem em regras da fotografia! Formatos, luz, enquadramentos, exposição, etc, tudo pode acontecer e eu tenho alguma fé no acaso. Gosto do mistério das imagens e de uma certa provocação artística. Sou perverso, atrai-me a ideia de retratar situações estranhas – interrogações mais do que afirmações concretas sobre o dia-a-dia.

E gosta de fotografar pessoas?

Nesse sentido já vivi situações desagradáveis e violentas. Tenho algum pudor em fotografar pessoas que não conheço e que não sabem que estão a ser fotografadas ou que não me conhecem de parte nenhuma. Talvez por me faltar uma certa irreverência – diga-se “lata” – para o fazer. Admiro quem o faça com discrição e talento. Mas os tempos não estão para isso. A troca de imagens para fins desconhecidos é hoje um verdadeiro negócio. Há bem pouco tempo estive nos Estados Unidos e no Canadá. Vim de lá com a sensação de que a autenticidade das pessoas já não é o que era. Senti verdadeiramente o significado da expressão “mecanismos de defesa”. As pessoas têm-nos activados. E isso já se está a

espalhar pelos quatro cantos do mundo. O que fazer? Fotografo coisas, fotografo-me a mim próprio e, se quiser fotografar outros, peço licença. Com muito cuidado.

Como se definiria como fotógrafo?

Por muito que tente, não encontro uma definição para a fotografia que faço. Sou um marginal à procura não sei de quê. Não pertenço a nenhum grupo específico nem tão pouco a uma estética conceptualista. Gosto de fotografia. Ponto. Não procuro nada que possa ser considerado artisticamente característico. Em relação à música que faço sei que existem muitas diferenças: na música, deixo-me embalar pelos sons e pelo improvisado do momento; quanto à fotografia, tenho uma postura muito mais cerebral. Fico horas a olhar para as coisas. Na música improvisada não posso pensar muito porque corro o risco de perder o tempo e o compasso! Raramente tiro fotografias sem pensar, o que é de certa maneira contraditório porque as melhores imagens que fiz nasceram de gestos irreflectidos e surpreendentes...

Por exemplo...

O autorretrato num hotel de Paris foi um daqueles raros momentos do acaso, logo depois de acordar e sem sequer olhar através do visor da máquina. O foco estava em automático... Foi só focar e disparar, com a máquina aproximadamente ao nível da anca. Quando vi o negativo nem sequer me lembrava daquele momento e fiquei surpreendido com o enquadramento dessa imagem.

Fale-me de que forma essas sessões de cinema clássico influenciaram na forma como vê o mundo através da lente?

O poder intrigante das imagens, a luz e as sombras do cinema clássico que refere, o enquadramento do elemento protagonista e o significado de tudo o que se encontra à sua volta. Veja-se o “Citizen Kane” do Orson Welles, o “Night of the Hunter” do Charles Laughton, o “Vertigo” do Hitchcock, o “Dolls” do Takeshi Kitano, o “Shining” ou o “Eyes Wide Shut” do Kubrick – este último foi severamente criticado e inaceitavelmente mal recebido. Os detalhes do enquadramento cinematográfico, quando existe arte e propósito, foram (e são) o principal motivo do meu fascínio pela fotografia. Também gosto da ideia de me abstrair da história do filme e reparar nos elementos secundários que compõem um plano na sua totalidade; gosto sobretudo de olhar para a beleza das imagens desfocadas.

Porque diz que pôs em prática um visão diferente, quase sempre distorcida, das coisas?

Ah! Sim, pode ser considerado pretensioso. Distorcida no sentido de ser diferente de tudo o que os nossos olhos são capazes de captar. O trabalho de enquadramento, o jogo de luz, os reflexos e a manipulação de uma lente podem fazer muita diferença em relação aos nossos olhos. A minha máquina está sempre

tecnicamente preparada e “cheia de vontade” para o desfocado – esta é uma das minhas apetências em fotografia analógica. E esta visão diferente de que falo não se refere a originalidade – isso não existe e nem sequer pode ser um motivo de procura – mas sim uma tentativa de usar a máquina até ao limite das suas possibilidades. São imagens que um dia mostrarei em exposição, se tal vier a acontecer, mas que ainda não fazem parte desta exposição em Guimarães.

E a escolha das imagens para esta exposição?

Neste caso, resolvi fazer uma selecção de imagens nas quais, salvo algumas excepções, só encontro um único fio condutor: as viagens que fiz na música, o prazer de sair à rua de máquina em mãos e de, nos momentos livres, poder olhar para as coisas com algum detalhe e diferença. Nada mais do que isto.

Como nasceu a ideia de fazer uma exposição, neste caso conjunta?

Tenho grande admiração pelo Carlos Romero, como pessoa e como fotógrafo. Falamos de fotografia, de música, de cinema e de vinhos. Que mais posso pedir a um amigo? [risos] O Carlos é um profundo entusiasta das imagens, da arte da fotografia – desde o enquadramento e do disparo até ao momento da impressão final. Vejo nele um irmão da fotografia e gosto particularmente do seu espírito crítico. Salvo raras excepções, consegue sempre tocar nos pontos certos, o que é para mim um estímulo. Mais importante ainda, é que temos formas diferentes de olhar para a realidade das coisas. O Carlos revelou-se um extraordinário fotógrafo de pessoas e de pequenas situações reais, do Porto e do Norte. Nunca ofende nem invade a intimidade dos outros – ou melhor, invade sim! mas com grande dignidade.

Estas são razões mais do que suficientes para que eu considere uma honra expôr ao lado do Carlos Romero.

E é importante para si decorrer simultaneamente com um festival de jazz ou preferia que fosse num espaço que permitisse desligar mais da sua imagem de músico?

Relativamente à fotografia é-me indiferente. Tenho muito boas memórias de tocar em Guimarães no festival de Jazz anual, desde muito cedo na minha carreira. O conceito estético deste festival tem evoluído muito e pretende acompanhar o tempo presente da música improvisada. Tenho tão boas memórias dos concertos e das pessoas que é sempre bom voltar a Guimarães, com ou sem Festival. É curiosa e pertinente esta sua pergunta. Na fotografia poucos conhecem o meu trabalho, muito por culpa de um certo pudor que sinto ao mostrar as minhas imagens, sobretudo as mais íntimas. As pessoas que me conhecem sabem que gosto de fotografia. No entanto, imagino-os a pensar que se trata de um *hobbie* como muito outro qualquer, como ler ou ouvir música para descomprimir. E aqui se revela o meu pudor. Como termo de comparação, acontece que a minha dedicação à fotografia é igual ou superior à da música. E - passe qualquer tentativa

de presunção! – considero o meu trabalho como fotógrafo mais interessante do que o meu trabalho musical, pelo menos até agora. Mas essa é só a minha opinião. O momento da fotografia ainda não fez o *click* para fora, porque o momento certo ainda não chegou. Vai chegando...

O que pensa fazer num futuro breve?

O meu principal foco de atenção é o de reunir estas duas visões da realidade: um espaço artístico comum, como se de um só elemento se tratasse. O som e a imagem passam a ter um carácter fictício, a visão das coisas transforma-se em ficção – porque é na ficção que encontro o maior ponto de interesse artístico.